

C.P.A.

BOLETIM

BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL

DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO SEU PESSOAL

Problemas recreativos

CORRESPONDÊNCIA

O 1.º prémio da lotaria de 23 de Fevereiro último, coube ao n.º 5964 que pelo *Boletim da C. P.* n.º 68 tinha sido atribuído ao colaborador *Mestre Zacuto*. As nossas felicitações ao distinto charadista.

No trimestre corrente Abril-Junho a obra a disputar será o *Manual de Medicina Doméstica* de Samuel Maia.

QUADRO DE DISTINÇÃO

Veste-se, 9 votos — Produção n.º 20

QUADRO DE HONRA

Dalton, Sancho Pança, Galeno, Tupin, Lumar, Cagliostro, Britabrantos, Mefistófeles, Labina e Alenitões

QUADRO DE MÉRITO

Visconde de la Morlière, Visconde de Cambolh, e Marquês de Carinhos (21), Mestre Zacuto, Veste-se, Fred-Rico, Otrebla, Roldão, e Costasilva (20)

Soluções do n.º 68 ~

1 — Patacoada, 2 — Jaçapé, 3 — Escalar, 4 — Acaata, ataca, 5 — Lâmina, animal, 6 — Palramento, 7 — A lima, lima a lima, 8 — Violino ou Caolino, 9 — Raposeiro, raposeira, 10 — Albarrado, albarrada, 11 — Tatibitate, 12 — Zanga, 13 — Dormente, 14 — Búzio, 15 — Arillo, 16 — Ratazana, 17 — Robalo, rôlo, 18 — Trapaça, traça, 19 — Cerbero, cerro, 20 — Lisboa, lisa, 21 — Caminho, canho, 22 — Pate, apar, taxe, ereo.

Charadas bifórmes

1 — O defeito do cavalo, produzido pelo atrito do arção é uma coisa que se alisa muito bem — 3.

Terco

2 — O «barqueiro do Alto Douro» dorme numa «vêrga de palha» — 3.

Labina

Charadas duplas

3 — A prosápia balofa é sinónimo de arrogância — 5.

Sancho Pança

4 — Com o mar baixo avista-se o baixo d'areia — 2.

Terco

5 — Um acontecimento seja qual for a causa que o determine, deve ser sempre discutido com calma e nunca com paixão — 2.

M. D. Coelho

(Ao Arnaldo)

6 — Certo sujeito ao passar por mim, preguntou-me:
Fulano está doente? — 5

Mefistófeles

7 — A isca que se dá às aves para amansa-las é uma cousa que suavisa a má impressão que lhe causamos — 3.

Visconde de la Morlière

8 — Charada em verso

Afirmar que o supremo Criador
E' uma quimera, um dogma improcedente;
Só o fará quem fôr um imprudente
Ou da Verdade um desleal traidor!

Se não existe um ente criador
Que possua um poder Omnipotente:
Quem guia os passos de qualquer vivente,
Desde que nasce até ao estertor? — 2

Que máqua eu sinto ao vêr alguns ateus — 1
Julgarem ser a Natureza, o Deus
Que criou tudo com subtil destreza...

Se todo o Globo é uma matéria morta,
De que maneira, incrédulos! comporta
O poder criador a Natureza?...

Roldão

Sincopadas

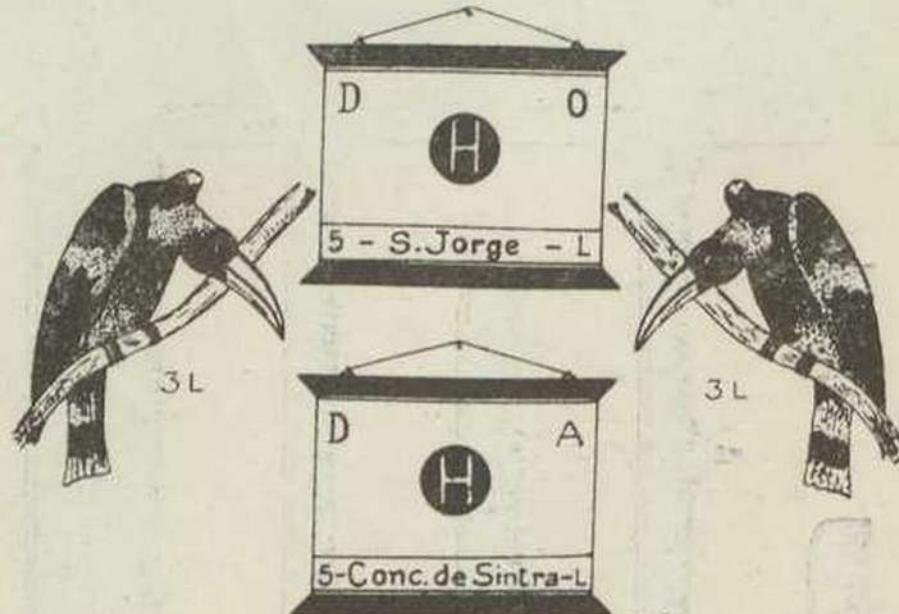
9 — 3—Que coisa desagradável tens nas mãos! Descasca
isso primeiro! — 2

Visconde de Cambolh

10 — 3—Devemos combater o inimigo e impedir a
invasão — 2.

Zé Sabino

11 — Enigma figurado



(Continua na outra página interior da capa)

de 1935

BOLETIM DA CP

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA 1

PUBLICADO PELA DIRECCÃO GERAL

SUMÁRIO: A Comunidade e a Educação.— Prescrições para a segurança individual do pessoal.— O meu primeiro dia de combate.— Digressão literária.— Consultas e documentos.— Factos e informações.— Pessoal

A Comunidade e a Educação

Conferência realizada no Ateneu Ferro-viário em 12 de Janeiro último, pelo Sr. Eng.º Vicente Ferreira, Sub-Diretor da Companhia

(Continuação)

4 — Na linguagem corrente, também se empregam, uma pela outra, as palavras «educação» e «cultura». Assim dizemos: — educação ou cultura física; educação ou cultura intelectual, artística, técnica e moral, etc.

Se não se importam, convencionaremos que nesta conferência, a palavra «cultura» significará adquisição ou posse de conhecimentos gerais, *sem objectivo utilitário*, sem aplicação profissional, e só pelo prazer de saber, de alargar os horizontes do espírito, de compreender e apreciar as belezas naturais ou criadas pelo homem, e de pôr o sentimento do indivíduo a par ou a unísono dos sentimentos do seu grupo.

A «cultura» será, portanto, uma das formas de «recreacão».

Na verdade, é difícil demarcar os limites do ensino ou aprendizagem, da cultura e da educação. Pouco nos preocuparemos com isso, e estou certo que o proveito cultural ou educativo

desta palestra, — se algum ela oferecer —, não será prejudicado pela falta de definições mais precisas. Entretanto todos ganharemos com a brevidade.

Direi, pois, que um homem *bem ensinado* ou *instruído* será o que possuir muitos conhecimentos úteis para a sua profissão, isto é, *conhecimentos técnicos*.

Será *culto*, o que tiver adquirido muitos conhecimentos relativos à sua pessoa, ao mundo físico exterior, e às manifestações superiores da arte, da literatura, da ciência e da moral, e fôr capaz, além disso, de aplicar com justeza as suas faculdades de apreciação e julgamento.

Como já dissemos, — mas repetimos —, será homem *educado*, o que possuir hábitos físicos, intelectuais e morais, que o tornem apto para viver pacificamente, e em harmonia com o meio social em que se encontra.

Daqui se conclue, que um homem poderá ser muito instruído, ser um mestre notável de artes

ou ciências, elevar-se mesmo a grande sábio, e não ser educado nem culto. Os especialistas ferrenhos e monomaníacos, pertencem em regra, — que apresenta, aliás, numerosas excepções —, a este tipo. São casmurros e intratáveis.

Por outro lado, um homem culto, pode ser, profissionalmente, um inútil, e ser ou não ser bem educado. Se guardar a cultura só para si, se tiver maneiras de *urso*, intratável e agreste, não é injustiça chamar-lhe «mal educado». Mas, em geral, os homens cultos são educados, porque a educação faz parte da cultura.

Finalmente, uma pessoa pode ser muito bem educada, e possuir só pouca cultura e muito pouca ciência. Mas o tipo perfeito do homem educado, — qualquer que seja o ideal de educação do seu grupo —, será sempre o que possuir apreciável cultura e alguma ciência.

* * *

As três expressões, *educação*, *cultura* e *instrução* ou *ensino* correspondem, portanto, a três qualidades que, em regra, andam juntas; mas podem existir separadas.

A' vida social, o que mais interessa, é a primeira, porque será mais perfeita a sociedade em que a educação estiver mais desenvolvida; costuma dizer-se, a que fôr mais *civilizada*. E podemos acrescentar, — repetindo por outra forma uma ideia já expandida —, que o homem mais educado é o que melhor pratica as «regras da civilidade».

* * *

Note-se, porém, que ao referir-me à «boa» e «má educação» ou à «civilidade», não tenho em vista nem a *arte de viver na sociedade*, que por aí se inculca em manuais para uso das pessoas do *bom tom*; nem as bonitas maneiras, que admiramos nos meninos que sabem dizer «muito obrigado» e não cospem nas pessoas de respeito.

Deus me livre de negar a utilidade destes preceitos e similares; eu digo, apenas, que êles representam a aparência, que nem sempre corresponde à realidade da educação.

O mancêbo elegante e donairoso, que tira o chapéu às senhoras e às igrejas, mas arremessa

brutalmente o automóvel para cima dos modestos piões, é sempre «mal educado», seja qual fôr a perfeição com que dance o tango, ou arrebite o dêdo mínimo ao emborcar o chá.

O patrão measureiro e bem falante, que engana os clientes e maltrata os empregados é «mal educado», por mais arrebicado que seja o estilo da sua conversa, e mais requintada a perfeição do seu porte nos salões e clubes. O contrário direi do homem de falas e maneiras simples, mas austero e exigente, que sabe mandar e obedecer, premiar e punir, sempre dentro das regras da justiça e da consideração devida aos superiores e aos inferiores. E se além disso, êle fôr bom cidadão e bom chefe de família, e souber conviver com as pessoas de tôdas as classes, podemos afirmar que a sua educação é «boa», no melhor sentido, porque *ele é útil para a sociedade e a sociedade é útil para ele*.

5 — Meus Senhores! Consideraria muito lícito que me perguntassem agora: — Se o conceito de «sociedade» anda sempre adstrito ao de «educação», devemos concluir que onde há sociedade há sempre educação?

— E, então, os pretos de África e outros selvagens também são educados?

Responderei, desde já, às duas perguntas, pela afirmativa, acrescentando, porém, que «cada sociedade tem a educação que merece»; por outras palavras, possue a educação adequada à sua mentalidade, ao seu tipo social, ao meio físico em que vive, e, ainda, ao ideal humano que pretende realizar.

Mais tarde focarei êste curioso aspecto do problema, se V. Ex.^{as} mo permitirem.

Por agora, julgo azado o momento de entrarmos no Capítulo da Comunidade.

Deus me livre de tentar, — e sobretudo que Deus livre os meus auditores que eu tentasse —, embrenhar-me na complexa e delicada discussão dos caracteres, pelos quais se distingue a *sociedade*, do simples agrupamento de indivíduos da mesma espécie.

Três afirmações, porém, necessito e posso fazer, sem risco de tornar confusa a minha exposição:

1.º) que a vida social não é apanágio da es-

pécie humana, porquanto há também sociedades animais:

2.º) que não basta haver agrupamento de indivíduos da mesma espécie, para se formar o que chamamos «sociedade»; pois que um ajuntamento de basbaques, uma feira de gado, ou um vagão de galináceos, não constituem um agrupamento social;

3.º) que só existe «sociedade» quando há um objectivo comum, que só pode atingir-se pelos esforços conjugados, e, pela coparticipação e mútuo auxílio dos membros do grupo; podendo esse objectivo ser material e relativo à vida física, ou moral e relativo à vida espiritual ou seja ao *ideal* de que há pouco falei.

Para que um agrupamento constitua uma sociedade deve, portanto, existir nêle o que chamamos «disciplina» ou, mais latamente, «sujeição»; — sujeição a certas «imposições» exercidas pelo grupo social sobre a vontade, o modo de pensar e o modo de sentir de cada indivíduo.

Estas imposições concorrem para estabelecer no agrupamento uma certa *uniformidade* de modos de proceder, de sentir e de pensar, que são os *usos e costumes* do grupo social.

Como se vê, viver em sociedade é viver em regimen de *sujeição* a outras vontades, que podem ser contrárias à nossa vontade. Por isso se tem dito, que viver em sociedade, é viver em «escravatura». Simplesmente essa escravatura, — ao contrário da outra —, não tem por objecto o bem-estar, ou a riqueza, ou a satisfação dos caprichos de um certo indivíduo, — o *senhor da roça* —, mas a própria existência da comunidade.

E, como nenhum ser humano pode viver feliz, fóra da sociedade, podemos acrescentar que essa «escravatura» é condição essencial da nossa felicidade.

No caso mais geral, as «imposições» não se encontram compendiadas em nenhum código escrito. Não provêm de nenhuma autoridade constituida, nem são apoiadas pela força armada ou polícia, às ordens de qualquer magistrado, investido do chamado «poder público». São imposições morais! Todavia, elas dominam tão eficazmente a nossa vontade, como se nos fossem intimadas à bôca de pistola.

Há, porém, indivíduos cujos sentimentos se não acomodam, facilmente, às *sujeições* da vida social; o seu *egoísmo* exacerbado incita-os a tentarem auferir da sociedade o maior número de benefícios que ela lhes proporciona, e a esquivarem-se aos encargos e sujeições correspondentes. São os *inadaptados*, os *indisciplinados* e *rebeldes*. Por eufemismo êles declaram-se, a si próprios, «*independentes*». São, apenas, *insociáveis* ou *mal-educados*. Para tais criaturas não bastam, em regra, as «*imposições morais*», é necessário recorrer às *sanções* dos códigos; isto é, às *penalidades legais*, que podem ir, — como é sabido —, até à *eliminação* do *refractário*, do meio social, pela *prisão*, pelo *degrêdo* e, mesmo pela *morte*.

6 — «Liberdade» e «sociedade» são, portanto, termos inconciliáveis. A *Educação* é que nos habituou a sujeitarmo-nos às imposições do viver social. À força de hábito, esquecemos que elas nos dominam, como nos esquecemos que o nosso corpo vive embrulhado em envólucros de tecido ou de couro: — o vestuário e o calçado.

Imagine-nos *livres* e, na realidade não o
sômos!

Ninguém é livre senão no deserto! E mesmo aí, estará sujeito ao meio. E' livre para morrer!

E se algum de nós tiver dúvidas a êste respeito, pode tirar a prova tentando algumas pequenas experiências.

Por exemplo:

— Nenhuma pessoa, das presentes, é obrigada a usar chapéu de feltro ou de sêda; pode, — porque a lei não lho proíbe —, usar chapéu de qualquer outro material, ou de uma forma diferente das que toda a gente usa.

Pois eu convido qualquer dos meus ouvintes, — homem ou senhora —, a fazer um chapéu armado com um jornal velho, e a sair à rua com êle na cabeca.

Estou certo que não dará cem passos fóra daquela porta, sem levar atraç de si um cortejo ruïdoso de basbaques, e é mais que provável que, antes de chegar ao Chiado, lhe saia ao caminho um agente da autoridade, não para lhe garantir o *uso da sua liberdade*, mas para lhe intimar que tire a barretina.

Também é certo que somos livres de andar de vagar ou de pressa, conforme nos apetecer... contanto que andemos como é da gente! Pois se houver nesta sala, alguém tão convicto de que não é um pobre escravo, como eu afirmei, e que julgue poder demonstrar o meu erro, peço-lhe só, que execute esta pequena experiência: — atravesse amanhã o Rossio, à luz do dia, em passo de dança. Mas faça favor de não me atribuir a responsabilidade se se encontrar, algumas horas depois, em Kilhaioles, para aprender à sua custa o que é *liberdade* em terra de gente civilizada!

Escolhi, de propósito, êstes dois exemplos caricaturais, para focar uma das punições, — a mais suave —, que a sociedade inflige a quem desrespeitar as suas «imposições», embora tenham por objecto, futilidades como o feitio do chapéu ou o passo de dança. Refiro-me ao *ridículo*. E' a pena aplicada a todas as infrações da moda. Ninguém se atreve a afrontar semelhante castigo! Nem o anarquista mais fanático. Todos nós, para lhe fugirmos, andamos de rabaña, de colarinho afogado e com uma tira de pano, absolutamente inútil, atada em volta do pescoço. E ai daquele que não souber pôr uma gravata, ou voltar a casaca... no sentido próprio. Passará por «excêntrico» ou por ter «uma aduela de menos», ou por ser um grosseirão, e todos os amigos e conhecidos fugirão dêle, como de rato empestado.

Mas há infracções e punições mais graves, embora imprevistas nos códigos, e, por vezes, até, contrárias aos próprios códigos.

Apresentarei um exemplo, que tem a vantagem de nos mostrar mais de um aspecto da tirania dos costumes.

Dois cavalheiros respeitáveis, o sr. X... e o sr. Z..., encontram-se. O sr. X... estende a mão a Z; o sr. Z, em vez de apertar a mão que lhe oferecem, cospe-lhe!

Resultado: se os cavalheiros são «muito respeitáveis», aprazam um encontro e batem-se em duelo, até um cair ferido. Todavia, o duelo é um *crime* punido pelos códigos!

— Vêem os senhores o que é a tirania social

e a dureza da escravatura a que estamos sujeitos?

Analisemos o episódio.

Em primeiro lugar, o aperto de mão é um gesto que, em si mesmo, para nada serve; é, pelo contrário, pouco higiénico! Entretanto todas as pessoas «bem educadas» se apertam a mão. Recusar a mão a alguém representa, em país europeu, uma ofensa grave; mas é gesto desconhecido entre os asiáticos e outros povos; logo... somos *obrigados* a apertar a mão. Primeira imposição!

Consideremos, agora, o significado do cuspo.

Na sociedade em que vivemos, cuspir em alguém é a pior afronta que se lhe pode fazer. Pois em muitas sociedades primitivas, incluindo algumas tribos bantus, da África Central, cuspir em alguém é uma grande honra que o *sobr*a confere apenas aos seus melhores e mais categorizados amigos.

A parte a questão de higiene, cuspir ou não cuspir, nada significa. Se o cuspo acompanha um beijo, pode mesmo... saber bem, — dizem!

A tirania social é que deu, entre nós, significado ofensivo ao gesto. Segunda «imposição».

Resta-nos considerar a questão do duelo.

Como cidadãos livres podemos recusar o duelo. Recusando-o termos a nosso favor, as disposições do Código Penal, as doutrinas da Igreja, o exemplo de outros povos, e, acima de tudo, as leis do *bom-senso* ou *razão*!

Pois a *opinião públ* ca condena, por cima dos códigos legais, o cavalheiro respeitável e bom cristão, que recusa um duelo, e castiga-o com o «seu desprêzo». Deixa de o considerar «respeitável» e julga-o indigno de conviver com as chamadas «pessoas de bem».

Digam me lá: — Sons ou não somos escravos?

Outro exemplo! Os Senhores imaginam que eu estou aqui a falar-lhes, porque no pleno uso da minha liberdade, aceitei um convite para o fazer?

Pobre de mim! Estou aqui em virtude de uma «imposição», à qual obedeço sem considerar, sequer, se procedia ou não como «cidadão livre».

Eu bem sei, — e os Senhores sabem —, que fui convidado, nos termos mais cativantes, pelos nossos amigos da Direcção do Ateneu Mas, precisamente, porque os termos foram cativantes, é que fiquei *cativeiro*, isto é, prisioneiro e sujeito a uma vontade alheia.

Nisto de convites, quanto mais «cativantes» são as fórmulas, mais forte é a «imposição» real.

Triste liberdade! Se eu a possuisse, tinha-lhes poupado o enfado de me escutarem.

Meus Senhores! Poderia multiplicar os exemplos de coacções sociais, mas é inútil. Basta relancear a vista em torno de nós, para as apercebermos. O nosso Soares de Passos, ao pôr na boca do escravo a tirada famosa:

«Era livre como a seta
Quando sibila no ar»,

compensou o disparate mecânico, pela verdade do conceito social que, sem pensar, formulou. A seta quando sibila no ar, não é livre, porque obedece cegamente à impulsão que a lançou e à força da gravidade que a solicita. De modo que o tal escravo, quando se julgava livre, era, na verdade, tão pouco livre como a seta à qual se comparava.

A todos nós sucede o mesmo.

7 — Antes de prosseguir com a minha exposição doutrinal desejo, porém, responder a uma possível objecção. Eu disse que a existência de uma sociedade presupõe a existência de um objectivo comum, e que as sujeições a que a sociedade submete os seus membros, são indispensáveis para a existência daquela.

Pode-se então, perguntar: — a que «objectivo comum» satisfaz o chapeu de côco, e de que modo o duelo contribue para a paz social?

Responderei, que a sociedade se realiza para certos fins comuns essenciais, — defesa, trabalho, recreio, desenvolvimento intelectual, etc., mas que nem todos os «factos sociais» observados numa dada época, em dado grupo, contribuem, directamente, para êsses fins. Há factos que podemos chamar *residuais*, porque são apenas vestígios persistentes de velhos hábitos

que tiveram outrora uma real utilidade, hoje perdida. Tal é o caso, por ventura, do duelo, prática social que teve, nas antigas sociedades mal policiadas, a vantagem de manter sempre vivo, o espírito guerreiro dos povos, sobretudo da nobreza militar.

Outros factos, correspondem à necessidade de não ofender os sentimentos de outrem, ou à tendência social para reduzir todos os usos e costumes individuais, a um *tipo único*, ou a um diminuto número de tipos. Com esta *uniformidade*, a presença de um indivíduo do grupo, não molesta os sentidos e a imaginação dos outros, pela singularidade do trajo, do porte ou da fala. E' o caso do chapeu de côco e das modas, em geral, e também de certas usanças regionais, que ainda é possível surpreender em pequenos grupos isolados por circunstâncias geográficas; mas que tendem a desaparecer pela acção uniformisante das facilidades de comunicação.

O máximo da uniformidade dos agrupamentos humanos observa-se, naturalmente, nas sociedades primitivas.

Nas sociedades animais, cujas funções colectivas são, em alto grau, dominadas pelo automatismo dos instintos, os «factos sociais» que perduram, reduzem-se, — quase exclusivamente —, aos que interessam à nutrição, reprodução e defesa.

E digo «quase exclusivamente», porque, mesmo nestas sociedades se têm observado factos, que representam um certo capricho social, ou preferência sentimental e tradição; isto é, *resíduos*.

Por exemplo: as reuniões desportivas dos cães.

Observou um certo naturalista, — e o facto é mais vulgar do que se imagina —, que os cachorritos de uma aldeia se juntavam todos os dias, a determinada hora, na praça pública, e ali se entregavam a correrias, pulos, latidos, mordidelas amigáveis e outros jogos, e que, passado o tempo de recreio, cada um recolhia ao canil familiar, até à sessão do dia seguinte.

Aqui mesmo, em Lisboa, podemos observar os caprichos sociais da pardalada. Assim, os pardais da Avenida, sem nenhuma razão acesível à nossa inteligência, desde há muitos anos, que elegeram para albergue noturno,

certas árvores, desprezando outras. Isto mostra já, um certo capricho sentimental da comunidade, que não podemos atribuir ao puro instinto. E' talvez uma tradição!

Mais interessante, porém, como «facto social» de ordem superior, é a existência entre êles de uma espécie de sociedade de canto coral.

Como se sabe, os pardais voam em bandos; em bandos se congregam, em cada árvore, ao anotecer, e em bandos se dispersam de madrugada.

A' noite, depois de reúnidos todos os bandos, realiza-se uma sessão de cantoria, finda a qual todos se calam súbitamente e adormecem. De manhã, repete-se o concerto, que, também de súbito, termina, seguindo-se a dispersão silenciosa em bandos.

Um S. Francisco de Assis, diria que os pardais cantam, de madrugada, as glórias do Altíssimo, antes de se lançarem à conquista da pitança de cada dia, e que, à noite, entoam graças ao Criador, pela mercê de terem regressado vivos e com o papo cheio. Mas, seja qual fôr a interpretação, é inegável que existe na sociedade pardalesca, uma certa disciplina, a qual se traduz por estas regras: — formação em bandos, música cantada a horas certas, e bico calado depois do toque de silêncio!

8—Meus Senhores! Escolhi os dois exemplos precedentes, observados em sociedades animais, por virem apoiar a minha tese, de que muitos

«factos sociais» resultam de simples convivência, e de mútuas reacções sentimentais que, nada — ou só muito pouco —, contribuem para alcançar os fins primários, mais gerais, da comunidade.

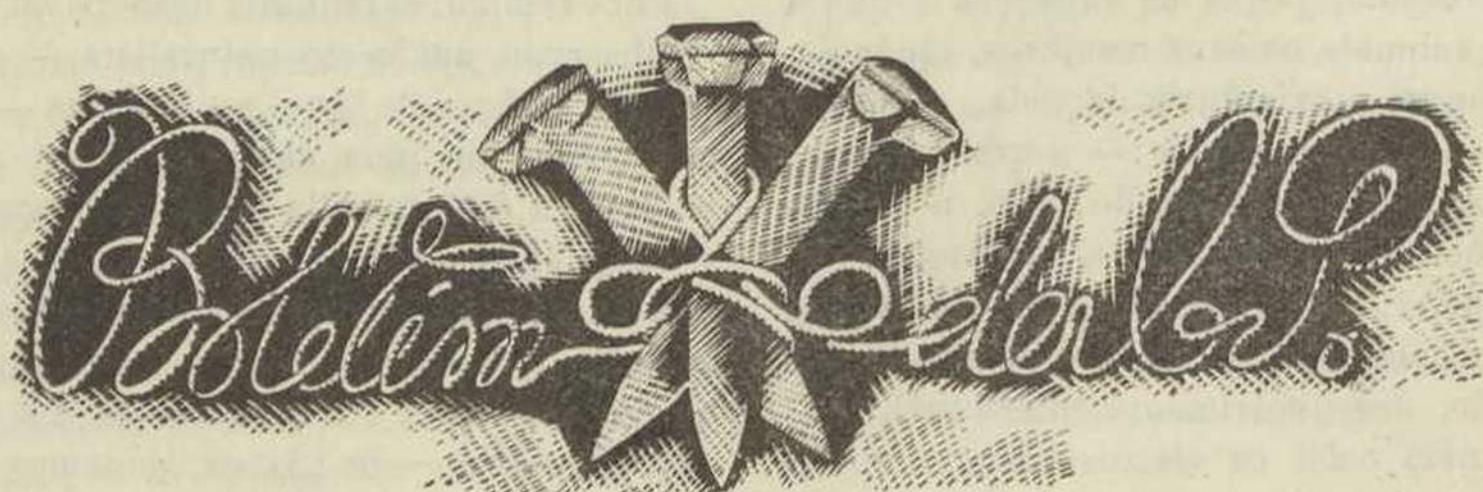
Mas, o número de sociedades animais, fóra da espécie humana, é muito maior. Sobre estas sociedades, tanto os naturalistas como os sociólogos têm escrito numerosos volumes, o que mostra o seu interesse.

Nos nossos climas, são mais conhecidas e apontadas, as sociedades de organização muito complexa, das formigas, das abelhas e das vésperas; mas existem, mesmo em Portugal, muitas outras sociedades animais, tanto de insectos, como de aves, peixes, mamíferos e de outras espécies. Os seus usos e costumes surpreendem sempre, pelas maravilhas de instinto ou de inteligência consciente que revelam.

Ao seu estudo se têm dedicado, não só os naturalistas, mas numerosos filósofos, sociólogos e moralistas. Os primeiros com o intuito de filiarem certas espécies que hoje vivem, nas que viveram em épocas geológicas remotíssimas; os segundos com o propósito de descobrirem, nos usos e costumes de outras espécies sociais, a origem de muitos factos inexplicáveis das sociedades humanas.

O assunto é tentador; mas o relógio indica-me que não há tempo para mais digressões.

(Continua)



Prescrições para a segurança individual do pessoal

(Continuação)

ARTIGO 26.º

Os agentes que trabalharem na via devem ser vigiados por um chefe que, sob a sua responsabilidade, velará pela segurança dos mesmos e dará a voz de «Atenção ao combóio», à aproximação de combóios ou máquinas. (Fig. 27).

De uma maneira geral, em casos de nevoeiro, de intempéries ou em quaisquer outros que tornem a visibilidade deficiente, os agentes e seus chefes devem redobrar de vigilância e tomar medidas especiais para a sua protecção, incluindo mesmo a de não continuarem tra-

balhando na via, quando o nevoeiro fôr tão espesso que a visibilidade não seja suficiente para permitir a adopção dos meios de segurança indicados no presente artigo.

ARTIGO 27.º

Quando os agentes tenham de transportar peças ou volumes pesados que impeçam temporariamente as vias, deve aquêle que estiver encarregado da vigilância tomar todas as medidas úteis necessárias para assegurar regularmente, por meio de sinais de paragem, a protecção dos homens e dos obstáculos.



Fig. 27

Devem

os agentes que trabalharem em grupo na via estar debaixo da vigilância de um chefe que vele pela sua segurança

O Meu Primeiro Dia de Combate

(Recordações da Grande Guerra)

Pelo Snr. Eng.^o José Vaz Cintra (*) Chefe de Serviço na Divisão de Exploração

DEPOIS de ter visitado algumas baterias pesadas inglesas e respectivos postos de observação encontrava-me de descanso à recta-guarda do *front*, na pequena aldeia de *Calonne-sur-la Lys*, quando, inesperadamente, recebi ordem de marchar para junto da posição que nos havia sido destinada, a reunir-me aos meus camaradas que já ali se encontravam de serviço.

Imediatamente, auxiliado pelo impedido, reúno à pressa a indispensável bagagem, que se resume a um único volume — a *valise* — onde se acomoda tudo quanto nos é absolutamente necessário, podendo mesmo chamar-se-lhe «o quarto de cama ambulante», pois que ela encerra a cama, mesa, cadeira, lavatório, banheira, etc., havendo também as suas secções destinadas à roupa, objectos de *toilette*, tudo, emfim, quanto as restritas exigências de campanha nos obrigam a possuir. Comigo seguem também alguns soldados igualmente requisitados. Tudo está preparado para a partida, aguardando apenas a chegada do *camion* que nos ha de transportar até junto de «*le Touret*».

Estamos nos primeiros dias de Março; o tempo está frio e desagradável. Começo a impacientar-me com a demora do carro. Finalmente chega cerca das 9 horas da noite e nele tomo lugar juntamente com os soldados que me acompanham. Não é, decerto, uma viagem feita com tôdas as comodidades, pois os profundos sulcos que rasgam as estradas, provenientes do trânsito constante de pesadas viaturas, originam tais balanços que as rígidas molas do *camion* levemente conseguem atenuar.

Lembro-me então das viagens que lá, longe, muito longe, eu costumava fazer para a minha aldeia natal no desconfortável balouçar de uma primitiva diligência — meio de condução ainda

usado para aquelas desprotegidas regiões que a viação acelerada não conseguiu atingir.

É noite fechada; o carro avança lentamente aproximando-se da chamada «linha das aldeias». Tudo é escuridão em volta de nós; só lá adiante aparece, por vezes, a luz de um *very light* que nos indica claramente as trincheiras de primeira linha, onde portugueses se encontram em constante vigília, esperando o primeiro momento para mostrarem quanto vale a raça de heróis de que descendem.

Cerca da meia noite chego, finalmente, ao acampamento, onde se encontram os meus camaradas e que fica próximo da bateria pesada inglesa, na qual começámos a prestar serviço.

Como é tarde já me não esperavam. Sómente o capitão está ainda levantado e com ele troco algumas palavras, procedendo, depois de dadas as necessárias ordens para o alojamento do pessoal que me acompanha, à instalação do meu mobiliário. O *palácio* que vai ser a minha habitação, reduz-se a uma simples barraca de campanha que decerto não fôra construída prevendo a hipótese da chegada de mais êste habitante, pois que, dificilmente, consigo arranjar espaço para instalar a minha cama ao lado das dos três camaradas que já ali se encontram.

A noite é de calma absoluta, ouvindo-se sómente por vezes o som das metralhadoras no seu tiro preventivo e vigilante. Assim, pela madrugada, consigo adormecer e — oh, santa ilusão! — sonhar que me encontro em fôfa cama e entre os mais finos lençóis, lá muito longe do teatro desta guerra infernal, quando é certo que contra os estilhaços de uma granada traiçoeira e mortífera apenas tenho a proteger-me a lona da minha barraca!

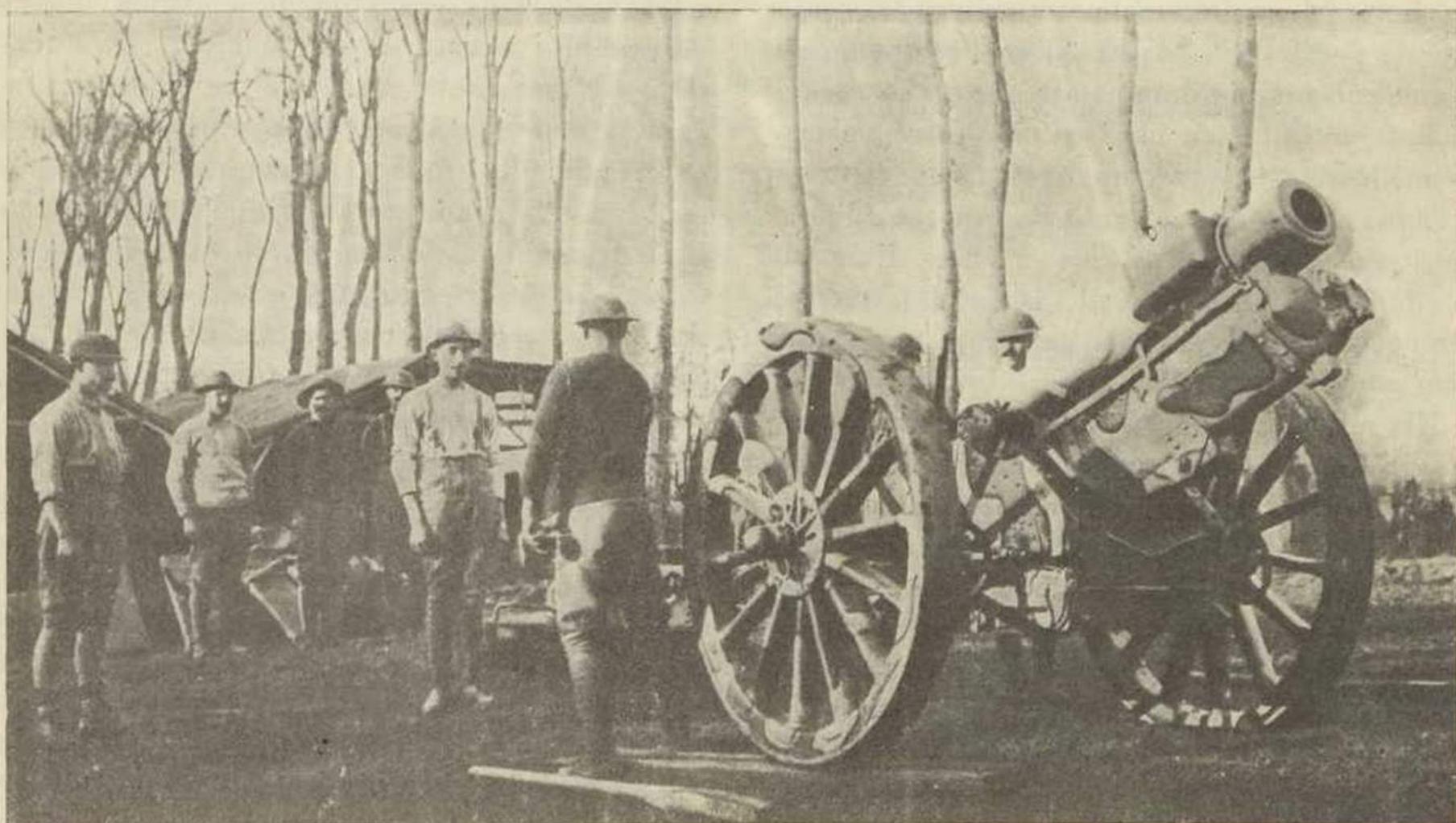
No dia seguinte nada se passou de extraordinário. Visito a posição onde se encontram os dois obuses que são destinados aos portugueses e onde um camarada meu se encontra já de serviço com as respectivas guarnições. Du-

(*) Tenente de artilharia pesada no C. E. P. durante a Grande Guerra. Artigo extraído do *diário* escrito no *front*, em França, em Março de 1918.

rante a tarde os *boches* bombardeiam um abrigo para metralhadora que havia sido construído a uns 300 metros da bateria, na linha de reserva destinada a infantaria. Do resto, o dia calmo. É no dia imediato que devo entrar de serviço, o que aguardo com impaciência.

Efectivamente às 9 horas da manhã vou, com novas guarnições para os obuses, render o pessoal que ali se encontrava. Como há apenas alguns dias que os soldados estão em serviço

Em contradição, porém, com este espírito de destruição a que a guerra nos obriga, a pouca distância do lugar onde as bocas de fogo continuam vomitando metralha, um francês activo e cheio de abnegação lá vai sulcando a terra com o arado que dois possantes cavalos puxam para que ela não deixe de produzir pão. Este facto enche-me de admiração e mostra-me de quanto é capaz a alma francesa. Estes honrados camponeses preferem viver num perigo



Um obus de 15 centímetros

de fogo é necessário recordar-lhes os seus postos de combate e obrigações no serviço.

Às 3 horas da tarde vem ordem para se fazer fogo, sendo o tiro regulado por aeroplano. Conhecidos os elementos de tiro são as peças apontadas na direcção do alvo indicado. Tudo está a postos. O aeroplano inglês vôa sobre as nossas cabeças, fazendo as necessárias observações. Espera-se a ordem de fogo vinda da séde da bateria. Finalmente ela chega e então pela primeira vez na minha vida e sob a minha ordem imediata é levada até ao domínio *boche* a destruição e a morte. As granadas seguem umas após outras, sibilando nos ares a cumprir a missão que o destino lhes impôs.

constante e iminente a abandonar as suas casas e deixar de cultivar a terra que lhes dá o sustento.

Uma hora depois é dada ordem para cessar o fogo, tendo o alvo, que é uma bateria inimiga, sido eficazmente atingido.

A noite recebo comunicação para ter tudo preparado para o fogo que vai haver na madrugada seguinte. Sei então que se trata de um *raid* às linhas *boches* que a infantaria portuguesa vai efectuar e para o qual será também necessário o nosso concurso. Os meus soldados não haviam ainda combatido de noite e eu próprio nunca tinha assistido ao tiro de artilharia cooperando num *raid*. Febrilmente

espero pelas 4 da madrugada, hora fixada para se iniciar o fogo. Muito antes dessa hora já me encontrava a pé providenciando para que tudo esteja pronto e olhando o relógio a cada momento para que a minha secção não seja a última a iniciar o fogo, que eu sei vai ser geral em todo o sector.

Matematicamente às 4 horas é dado o primeiro tiro. Tenho então ocasião de presenciar o espectáculo mais fantástico, mais extraordinário que é possível conceber. Na quietação da noite, uma noite calma e sossegada, centenas de peças de todos os calibres rompem fogo ao mesmo tempo, iluminando os ares na escuridão da noite, com os seus clarões repentinos e ensurdecendo-nos com os seus enormes estrondos. Nada até então havia presenciado que de longe se lhe pudesse assemelhar. Uma trovada eminentemente acompanhada da mais terrível tempestade seria simples harmonia comparada com aquele barulho infernal.

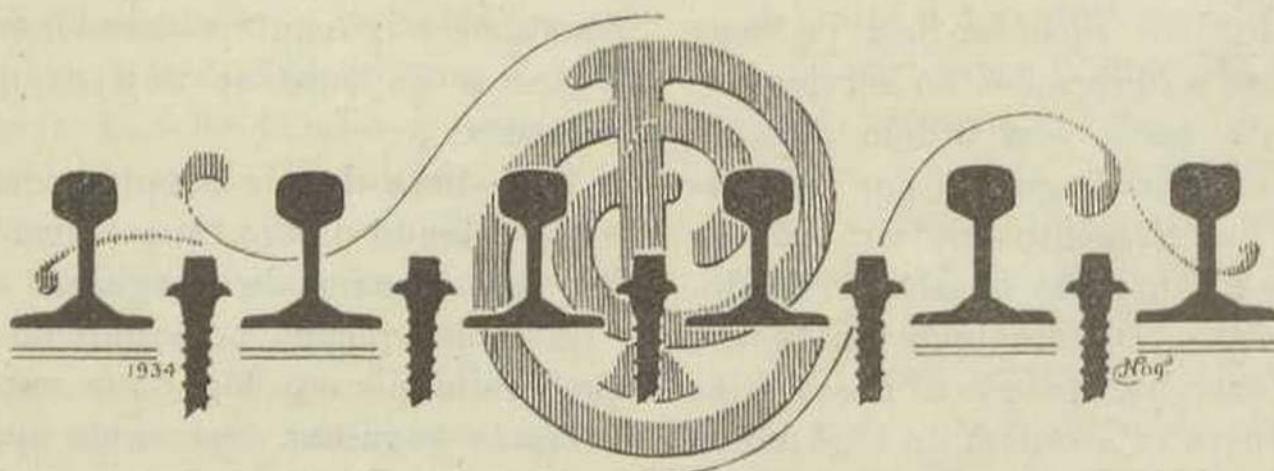
Na minha secção tudo corre normalmente. As granadas seguem com os intervalos marcados, desempenhando-se todos impecavelmente da missão que lhes está destinada. E eu animo-os, lembrando-lhes que lá adiante os nossos irmãos avançam denodadamente ao encontro do inimigo e que da precisão e regularidade dos nossos tiros pode depender a sua segurança.

Meia hora depois os tiros começam a ser mais espaçados e entretanto vai amanhecendo. Uma manhã bela, tempo admirável; uma ligeira aragem vem refrescar-nos a cara afogueada pelo trabalho extenuante. Pouco a pouco a claridade aumenta e tudo é já visível em redor de nós.

Num momento de silêncio ouço distintamente, a alguns passos de mim, o trinar de uma avesinha que, familiarizada já com o troar do canhão, pousada sobre uma árvore, saúda esta bela e acariciadora manhã. Facto tão simples e natural em qualquer outra ocasião, produz neste momento em mim motivo para as mais fantásticas divagações. Enquanto a humanidade procura exterminar-se a Natureza convida o homem a ser tão benigno como ela, ensinando-nos o seu hino de paz e amor... Porém, a guerra continua e tem de continuar até que o *boche* seja completamente aniquilado para poder expiar toda a sua enorme culpa.

Com o dia termina o bombardeamento e, lá adiante, nas trincheiras, os portugueses haviam cumprido a sua missão. Foram feitos alguns prisioneiros *boches* que horas depois passam próximo da minha bateria.

Esperemos agora pela resposta, pois decerto esta brincadeira deve ter irritado o *boche*. Na guerra êstes *cartões amáveis* têm sempre resposta certa à letra.



Digressão literária.

Almeida Garrett

João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett (Visconde de Almeida Garrett), nasceu no Porto em 1799 e faleceu em Lisboa em 1854.

Político e estadista eminentes, diplomata, jornalista brilhante, orador de raça, — e como tal considerado o primeiro da sua época —, foi sobretudo como escritor e poeta que se imortalizou, mercê das verdadeiras obras primas com que ilustrou e engrandeceu a literatura portuguesa.

Cabe-lhe a glória de, rompendo com as velhas formas clássicas, ter sido o introdutor, animador e finalmente o mestre do romantismo em Portugal. Prosador de magníficas faculdades, de estilo fácil, vivo e espíritooso, poeta de colorida e graciosa inspiração, deixou uma vasta obra, em que se destacam, no drama histórico: D. Filipa de Vilhena, O Alfageme de Santarém, A sobrinha do Marquês e o célebre Frei Luís de Sousa; na poesia: Camões, D. Branca, Retrato de Vénus, Romanceiro; e no romance: O Arco de Santana, as Viagens na minha terra etc.

A trasladação, em 1903, dos seus restos para o Mosteiro dos Jerónimos, onde repousam algumas das mais glorioas figuras da nossa História, foi a consagração definitiva do ilustre português que foi o 1.º Visconde de Almeida Garrett.

O vale de Santarém é um déstes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita: não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de tons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente que não parece senão que a paz, a saúde, o socêgo do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pezares e as vilezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Eden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.

A' esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quásí a pique, está um macisso de verdura do mais belo viço e variedade. A faia, o freixo, o álamo entrelaçam os ramos amigos; a madresilva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões; a congossa, os fetos, a malvarosa do valado vestem e alcatifam o chão.

Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se

por entre um claro das árvores a janela meia aberta de uma habitação antiga mas não delapidada — com certo ar de conforto grosseiro, e carregada na côr pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janela é larga e baixa: parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício que todavia mal se vê...

Interessou-me aquela janela.

Quem terá o bom gôsto e a fortuna de morar ali?

Parei e puz-me a namorar a janela.

Encantava-me, tinha-me ali como num feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca... e um vulto por detrás... Imaginação decerto! Se o vulto fosse feminino!... era completo o romance.

Como há-de ser belo vêr pôr o sol, daquela janela!...

E ouvir cantar os rouxinóis!

E vêr raiar uma alvorada de Maio!...

Se haverá ali quem aproveite, a deliciosa janela?... quem aprecie e saiba gosar todo o prazer tranquilo, todos os santos gôsos de alma que parece que lhe andavam esvoaçando em torno?

Se fôr homem é poeta; se é mulher está namorada.

São os dois entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada; vêem, sentem, pensam, falam como a outra gente não vê, não sente, não pensa nem fala.

Na maior paixão, no mais acrisolado afecto do homem que não é poeta, entra sempre o seu tanto de vil prosa humana: é liga sem que se não lavra o mais fino do seu oiro. A mulher não; a mulher apaixonada devéras sublima-se, idealiza-se logo, toda ela é poesia, e não há dôr física, interesse material, nem deleites sensuais que a façam descer ao positivo da existência prosáica.

Estava eu nestas meditações, começou um rouxinol a mais linda e desgarrada cantiga que há muito tempo me lembra de ouvir.

Era ao pé da dita janela!

E respondeu-lhe logo outro do lado oposto; e travou-se entre ambos um desafio tão regular em estrofes alternadas tão bem medidas, tão acentuadas e perfeitas, que eu fiquei todo dentro do meu romance, esqueci-me de tudo mais.

Lembrou-me o rouxinol de Bernardim Ribeiro, o que se deixou cair na água de cansado.

O arvoredo, a janela, os rouxinóis... àquela hora, o fim da tarde... que faltava para completar o romance?

Um vulto feminino que viesse sentar-se àquele balcão—vestido de branco... oh! branco por força... a frente descaída sobre a mão esquerda, o braço direito pendente, os olhos alçados ao céu... De que côr os olhos? Não sei, que importa! é amiudar muito demais a pintura que deve ser a grandes e largos traços para ser romântica, vaporosa, desenhar-se no vago da idealidade poética...

— Os olhos, os olhos... disse eu, pensando já alto, e todo no meu êxtasi, os olhos pretos...

— Pois eram verdes!

— Verdes os olhos... dela, do vulto da janela?

— Verdes como duas esmeraldas orientais, transparentes, brilhantes, sem preço.

— Quê! pois realmente?... é gracejo isso, ou realmente há ali uma mulher bonita e?...

— Ali não há ninguém—ninguém que se nomeie hoje, mas houve... oh! houve um anjo, um anjo, que deve estar no céu.

— Bem dizia eu, que aquela janela...

— E' a janela dos rouxinóis.

— Que lá estão a cantar.

— Estão, êsses lá estão ainda como há dez anos—os mesmos ou outros, mas a *Menina dos rouxinóis* foi-se e não voltou.

— A *Menina dos rouxinóis*! que história é essa? Pois deveras tem uma história aquela janela?

— E' um romance todo inteiro, *todo feito* como dizem os franceses, e conta-se em duas palavras.

— Vamos a êle. A *Menina dos rouxinóis*. Menina com olhos verdes! Deve ser interessantíssimo. Vamos à história já.

— Pois vamos. Apeámo-nos e descancemos um bocado.

Já se vê que êste diálogo passava entre mim e outro dos nossos companheiros de viagem.

Apeámo-nos com efeito; sentámo-nos; e eis aqui a história da *Menina dos rouxinóis* como ela se contou.

E' o primeiro episódio da minha Odisséa estou com medo de entrar nêle, porque dizen as damas e os elegantes da nossa terra que o português não é bom para isto, que em francês que há outro não sei quê...

Eu creio que as damas que estão mal informadas, e sei que os elegantes que são uns tólos: mas sempre tenho muito receio, porque enfim, enfim, dêles me rio eu: mas poesia ou romance, música ou drama de que as mulheres não gostem, é porque não presta.

Ainda assim, belas e amáveis leitoras, entendamo-nos: o que eu vou contar não é um romance, não tem aventuras enredadas, peripécias, situações e incidentes raros; é uma história simples e singela, sinceramente contada e sem pretenção.

Acabemos aqui o capítulo em fórmula de prólogo; e a matéria do meu conto para o seguinte.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 606. — Que cobrança se deve efectuar a um passageiro do comboio n.º 1201 portador de bilhete de 3.ª classe do Aviso ao Público A n.º 407, de Lisboa-R a Sabugo, no caso de excesso de percurso, com ou sem aviso prévio, para qualquer estação até Torres Vedras?

R. — Trata-se de um passageiro que viaja com bilhete de Lisboa-R. a Sabugo ao abrigo das disposições do Aviso ao Público A. n.º 407 que determina que a tais bilhetes são aplicáveis as condições da Tarifa 3 G. V. em tudo que não esteja expresso no mesmo Aviso.

Nesta conformidade ao excesso de percurso aplicam-se as disposições da primeira parte da condição 5.ª da Tarifa 3 G. V.

Portanto a cobrança a fazer no caso indicado, com ou sem aviso prévio, é a correspondente ao preço de um bilhete de 3.ª classe de Sabugo



CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1935

Barco «Rabelo» no Rio Douro

Fotog. do Sr. Américo Gomes, chefe de escritório
da Divisão de Via e Obras.

a Torres Vedras por Tarifa Geral aumentado de 10%.

P. n.º 607.— Tenho dúvidas se os vimes verdes, cortados e em atados devem ser considerados «plantas vivas», para efeito de aplicação da Tarifa Especial n.º 1 de G. V. § 2.º e multiplicador 6.

Peço esclarecer-me.

R.— Para efeito do transporte em caminho de ferro consideram-se como «plantas vivas» apenas aquelas que são apresentadas com raiz.

Não devem, pois, considerar-se como «plantas vivas» os *vimes verdes cortados*.

P. n.º 608.— Que tipo de bilhete *passe-par-tout* se deve estabelecer para um passageiro que se apresente em Rio Tinto com destino a Belmonte, via normal?

Tenho dúvidas, visto a estação destinatária estar numa linha da C. P. e ter de atravessar a B. A.. Na circular 808 nada consta sobre o exemplo que apresento.

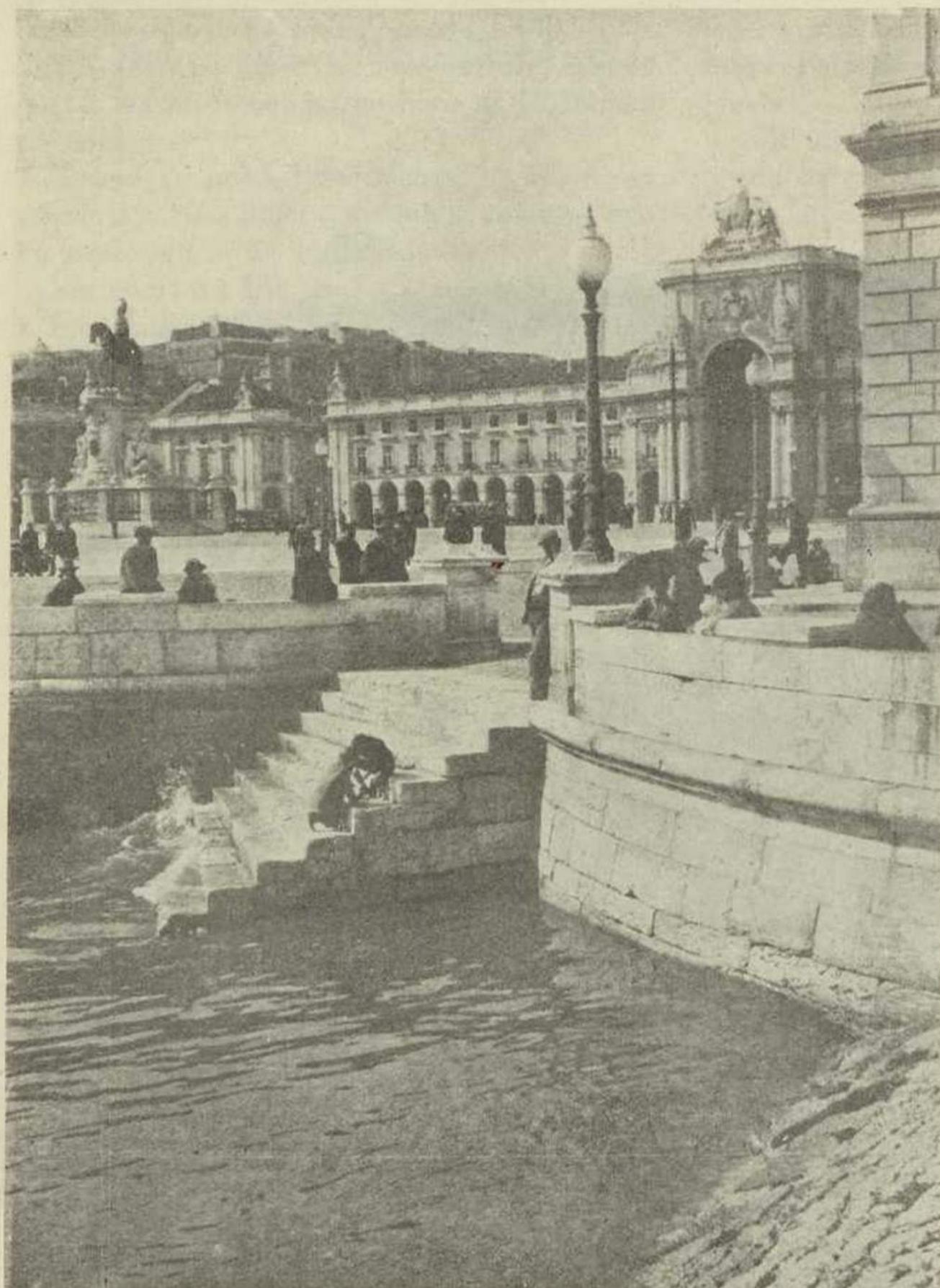
R.— Deve estabelecer bilhete de serviço combinado com as Empresas ferro-viárias portuguesas, a que se refere a Circular n.º 808.

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Públ. A. n.º 442.

— Para evitar as dúvidas constantes sobre os multiplicadores a aplicar às taxas estabelecidas no Aviso ao Públ. A. n.º 283 e ainda para esclarecer convenientemente o caso das *transferências* entre os Entrepostos e as estações a que estes estão directamente ligados, foi publicado o Aviso ao Públ. A. n.º 442, que começou a vigorar no dia 1 de Março.



Um aspecto do Terreiro do Paço

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1935

Fotog. do Sr. Jaime de Moraes Pereira,
empregado da Contabilidade Central

Neste aviso criou-se para os Entrepastos a taxa de 1500 por tonelada para todas as mercadorias, com excepção dos «toros de eucalipto ou pinho nacional por descascar, para exportação por via marítima», para os quais se fixou a taxa de 550 por tonelada.

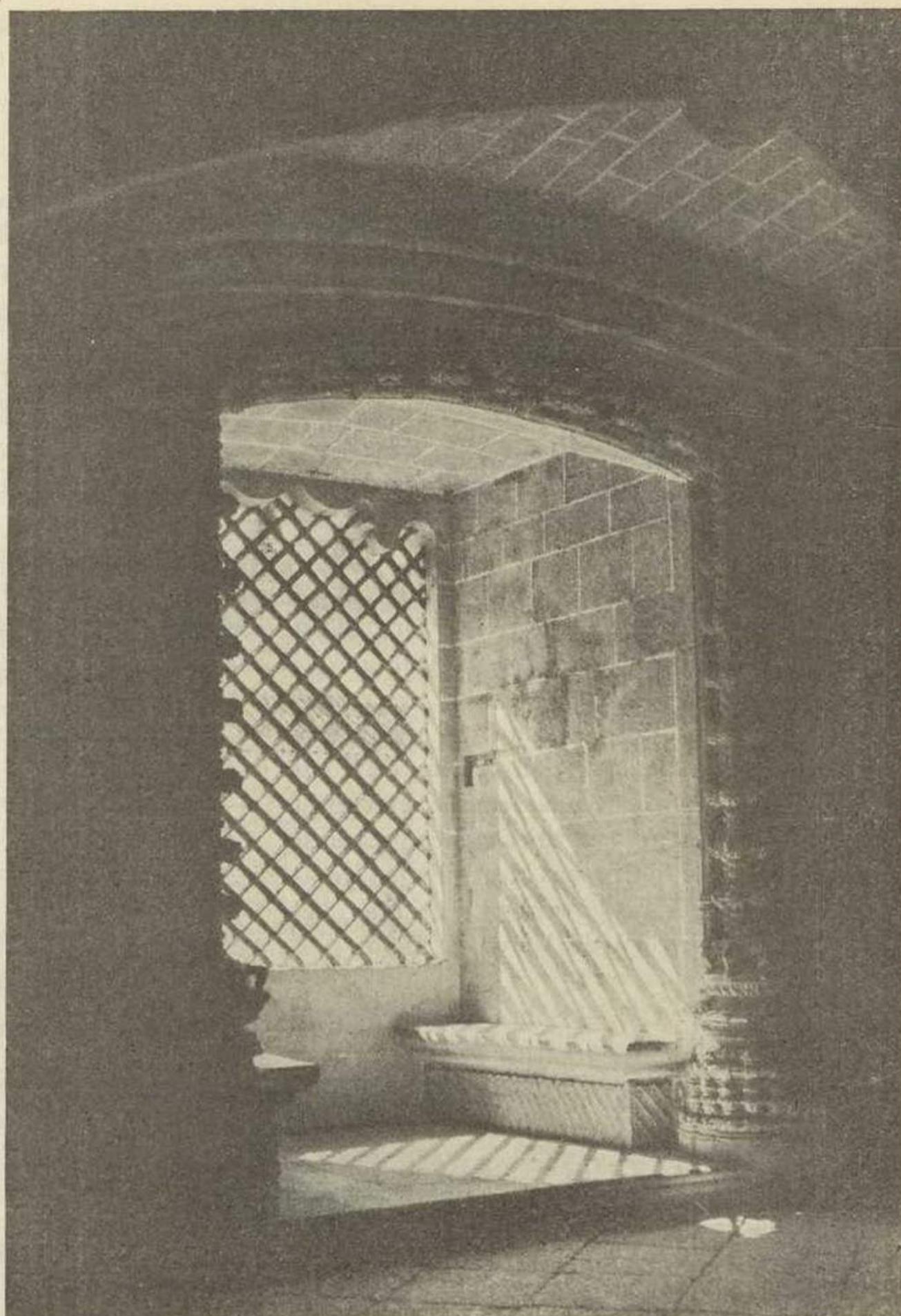
Nestes dois preços estão incluídos todos os encargos que oneram presentemente os preços tarifários.

No Aviso A. 442 estabeleceu-se o princípio importante das remessas destinadas aos Entrepastos, Cais e Armazens de Alcântara e Santos e Aleântara Doca ou Doca de Santo Amaro ou dêles procedentes serem taxados pelas distâncias quilométricas correspondentes à estação de Alcântara-Mar, e não pelas de Alcântara-Terra, como se fazia.

II — Fiscalização

Circular n.º 828. — Reproduz os espécimes dos bilhetes brancos de papel a vender pelas estações para transporte de passageiros, ao abrigo da Tarifa Geral e das Tarifas 3 e 7-bis e para transporte de cãis, e instrui sobre o seu preenchimento.

Carta impressa n.º 1281. — Trata da redução de 50 % sobre os preços da Tarifa Geral, para o transporte das pessoas que tomaram parte na Manifestação a S. Ex.ª o Sr. Presidente da



Tomar — Convento de Cristo — Janela do Capítulo Interior

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1934

Fotog. do Sr. António Nunes, limpador de carruagens

República, que se realizou em Lisbôa no dia 10 de Fevereiro de 1935.

Carta impressa n.º 1282. — Sobre a prorrogação do prazo de validade de vários passes.

Carta impressa n.º 1283. — Esclarece como se deve

proceder com os passageiros portadores de bilhetes vendidos ao abrigo da Tarifa Especial n.º 101 de g. v., para efeito de cobrança por excesso de percurso ou mudança de via.

Carta impressa n.º 1284. — Havendo dúvidas na interpretação a dar ao disposto n.º 5.º da Circular n.º 826, esclarece esta disposição.

Carta impressa n.º 1285. — Sobre a prorrogação do prazo de validade de vários passes.

Carta impressa n.º 1286. — Relação do passe, bilhetes de identidade e anexos extraviados na 1.ª quinzena de Fevereiro de 1935 e que devem ser apreendidos.

Carta impressa n.º 1287. — Sobre a prorrogação do prazo de validade de vários passes.

Carta impressa n.º 1288. — Como os apeadeiros de Oliveirinha-Cabanas e Constanças, da Companhia da Beira Alta, passaram á categoria de estação, ficando com distâncias próprias, indica quais são os preços dos bilhetes inteiros da Tarifa Geral a cobrar para as referidas estações, a partir de 1 de Março de 1935.

Carta impressa n.º 1289. — Sobre a prorrogação do prazo de validade de vários passes.

III — Serviços Técnicos

1.º Aditamento à Instrução n.º 2250. — Comunica que foi mudado o disco ascendente da estação de Faro para o Km. 339,000 Sul.

1.º Aditamento à Instrução n.º 2169. — Comunica que foi posto a funcionar, na estação de Mogofores, um disco ascendente electrico colocado ao Km. 243,310.

1.º Aditamento à Instrução n.º 2254. — Informa que foi colocado um disco comandado electricamente na estação de Rio Tinto, situado ao Km. 5,440 Minho.

1.º Aditamento à Instrução n.º 2264. — Comunica que foi substituído o disco de Campanhã (lado de Alfândega) por um comandado electricamente e situado ao Km. 0,437 Alfândega.

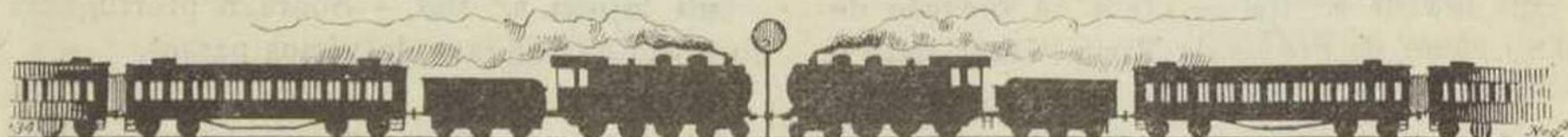
1.º Aditamento à Instrução n.º 2186. — Comunica que os antigos discos da estação de Amieira foram substituídos por discos de comando eléctrico e alterada a sua posição quilométrica.

1.º Aditamento à Instrução n.º 2241. — Informa que foram substituídos por comando eléctrico os antigos discos da estação de Campolide e alterada a sua posição quilométrica.

Instrução n.º 2267. — Comunica que foi modificada a sinalização da estação de Mato de Miranda e descreve os novos encravamentos.

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial no mês de Fevereiro de 1935

	Antiga Rêde		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 7..	5.018	5.176	1.939	1.847	1.951	1.608
» » 8 » 14..	4.785	5.003	2.010	1.881	1.938	1.555
» » 15 » 22..	5.573	5.781	2.267	2.142	2.067	1.892
» » 23 » 28..	3.617	3.823	1.628	1.497	1.525	1.216
Total	18.993	19.783	7.844	7.367	7.481	6.271
Total do mês anterior	19.762	18.770	8.339	7.583	8.351	9.394
Diferença	769	+1.013	495	316	870	-3.123



Factos e informações

Automotoras nos Caminhos de Ferro do Estado Francês

Conforme o *Boletim da C. P.* tem noticiado, as Companhias de Caminhos de Ferro de todos os países, estão actualmente a estudar com interesse, a aplicação de automotoras nas suas linhas.

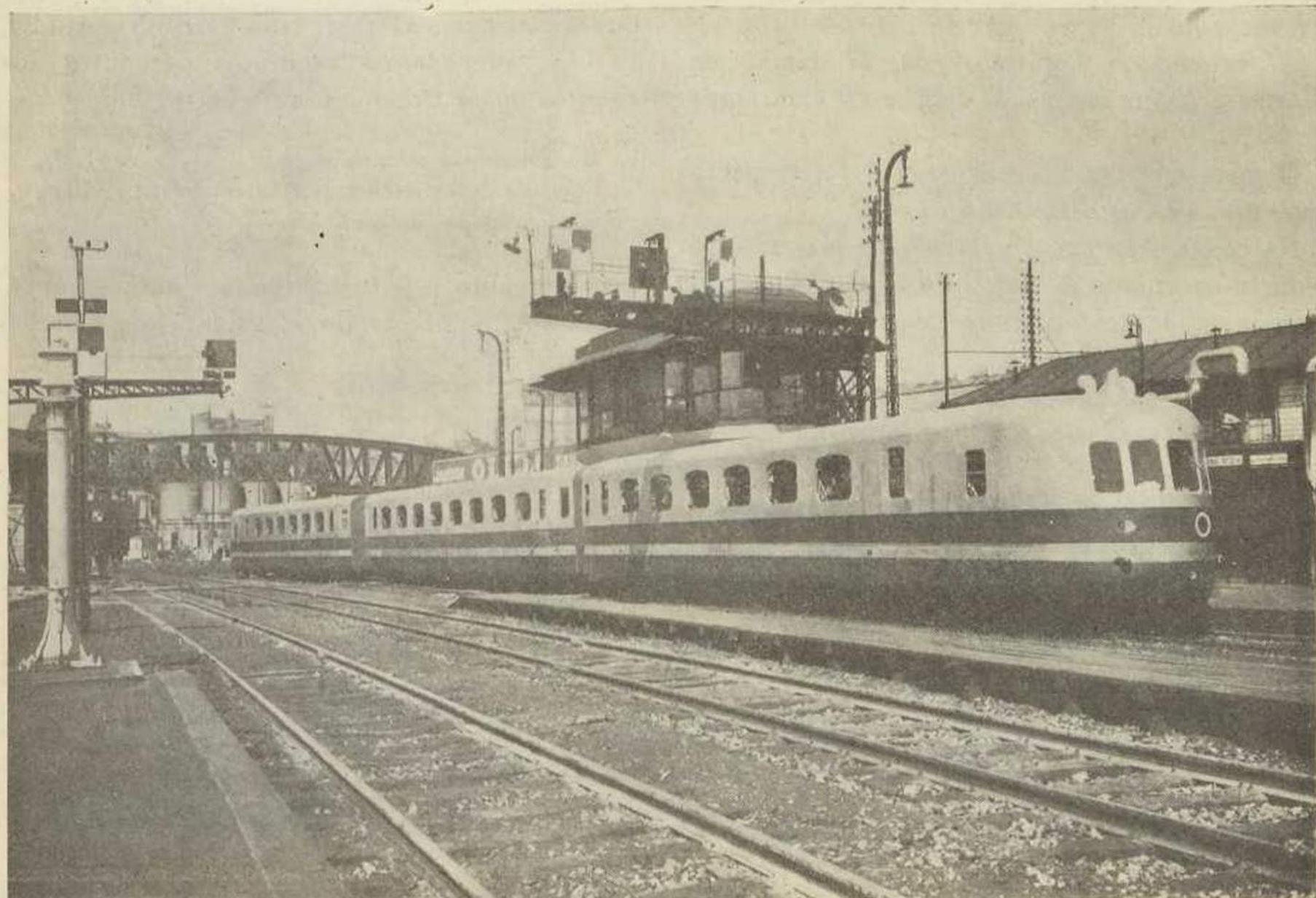
Assim, os Caminhos de Ferro Franceses têm actualmente em serviço ou em construção mais de 200 unidades, sendo muito mais elevado o seu número nos Caminhos de Ferro Alemãis.

A tendência actual é para o desenvolvimento de 3 tipos característicos:

Automotora ligeira de 2 eixos, aproximando-se na sua estrutura da caminheta da estrada, destinada às linhas secundárias de pouco tráfego, com velocidades até 65 quilómetros-hora.

A automotora média, que será de 2 ou 4 eixos, com motores sensivelmente mais poderosos e velocidades que atingem 100 ou mesmo 120 quilómetros-hora, e por último a automotora de grande linha e grande velocidade.

Esta última, que é quase sempre de 4 ou



A automotora «Franco-Belga» que faz o serviço rápido Paris-Lille
Esta automotora chega a atingir a velocidade de 140 Km. à hora

mais eixos, atinge hoje 160 e mais quilómetros à hora; apresenta formas aerodinâmicas para diminuir o mais possível a resistência do ar.

Os Caminhos de Ferro do Estado Francês têm adquirido ultimamente um certo número de automotoras de modelos diferentes, que estão sendo experimentadas nas diversas linhas daquela rede.

Entre os modelos adquiridos figuram os três tipos da casa Renault de que vamos dar uma sumária notícia.

Automotoras tipo de 1930. — Entraram em serviço em 1931, na exploração de linhas secundárias de perfil acidentado.

Comportam 36 passageiros sentados e atingem a velocidade horária de 85 Kms. em patamar e 68 em rampa de 15^{mm}. São equipadas com um motor Diesel de seis cilindros.

A transmissão mecânica é feita por meio de uma caixa com quatro velocidades.

O peso do veículo é de 10.000 quilos em vazio e de 12.500 em ordem de marcha.

Automotoras ligeiras tipo 1935. — Têm 34 lugares sentados.

A velocidade horária é de 97 Kms. em patamar, 70 em rampa de 10^{mm} e 60 em rampa de 15^{mm}.

O peso em vazio e em carga é de, respectivamente, 12.000 e 15.000 quilos.

Na construção desta automotora procurou-se reduzir os ruídos ao mínimo. Como nos automóveis modernos, o motor é montado sobre largos blocos de caucho.

Automotoras deste tipo foram postas em serviço entre Dinard e Dinard, num percurso de 21 quilómetros. Este percurso é feito em 25 minutos por estas carruagens ao passo que os comboios a vapor levavam 39 minutos.

As velocidades comerciais são de 52 Kms. à hora para os expressos e 45 para os ônibus.

Automotoras rápidas, tipo VH. de 1933. — São inteiramente metálicas. Transportam 56 passageiros sentados e cerca de 1.000 quilos de bagagem. Atingem a velocidade de 120 Kms. à hora em patamar. A tara é de 21 toneladas aproximadamente e o peso, em ordem de marcha, de 26 toneladas.

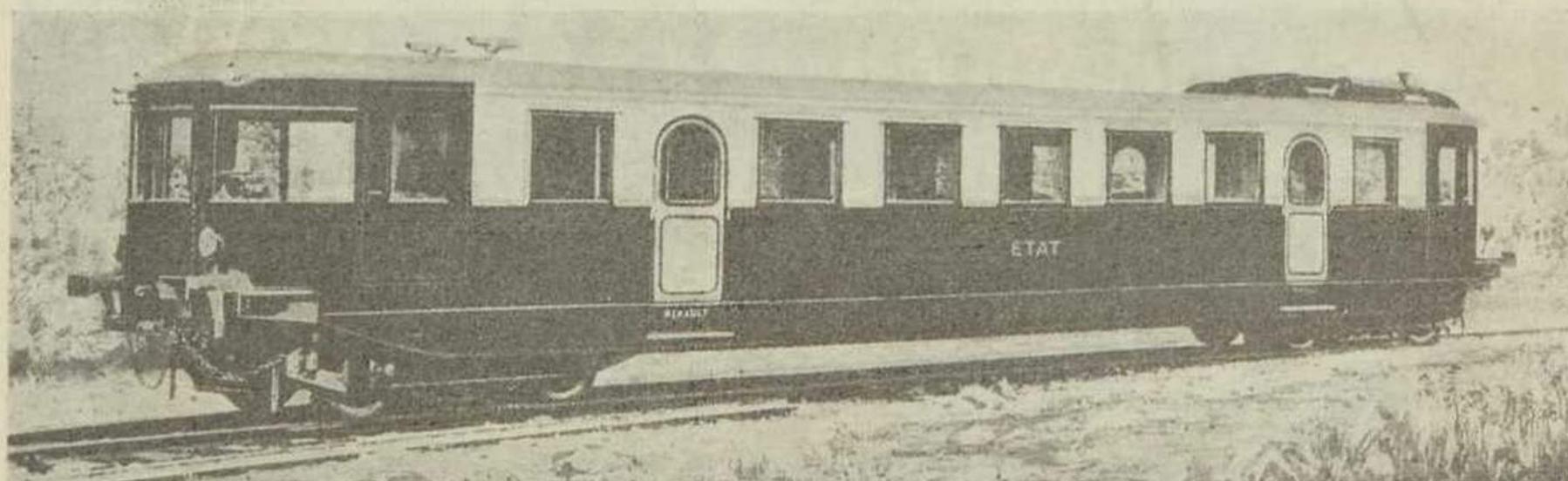
Nas experiências realizadas, alcançaram nos percursos Dreux-Argentan e volta, 230 Kms., a velocidade média de 109,5 Kms. à hora, Paris-Diepe e volta, 402 Kms., 104,5 Kms. h. e Paris-Deauville e volta, 440 Kms., 105,5 Kms. h.

Venda de produtos farmacêuticos

Além das farmácias indicadas em vários números do *Boletim da C. P.*, comunicam-nos que a Farmácia Cortez, Rua de S. Nicolau 93, Lisboa, concede os seguintes descontos aos agentes desta Companhia:

Medicamentos manipulados	30 %
Especialidades nacionais e estrangeiras	10 %
Especialidades da casa	20 %

O desconto é feito mediante a simples apresentação do bilhete de identidade da Companhia.



Uma automotora Renault.

Pessoal.

Agradecimento

O Snr. Inspector Aparício Nunes Frutuoso, da Divisão de Exploração, pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo retomado o Serviço, depois de ter sido operado pelo hábil cirurgião Ex.^{mo} Snr. Dr. Azevedo Gomes, venho por este meio, na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a marcha da minha doença, a todos apresentando os protestos do meu muito reconhecimento e gratidão — *Aparicio Frutuoso*»

Nomeações

Mês de Fevereiro

EXPLORAÇÃO

Aspirante técnico: Artur Raposo Torres.

MATERIAL E TRACÇÃO

Contramestre de 2.^a classe: Leonel de Almeida Guiomar dos Santos.

Ajudante de distribuidor: João Morgado de Oliveira Freire e Manuel de Assunção Correia.

Promoções

Mês de Fevereiro

EXPLORAÇÃO

A Sub-inspector de contabilidade: Manuel Joaquim Leal Dorotêa.

VIA E OBRAS

A pedreiro: António Margalho de Freitas.

A fiel de Armazém de 1.^a classe: José Augusto.



Miradouro de Santa Luzia

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1935

Fotog. do Sr. José Maria Hermano Baptista, empregado de 1.^a classe
da Divisão de Material e Tracção.

Reformas

Mês de Fevereiro

SERVIÇO DE SAÚDE E HIGIENE*Dr. Júlio César Lucas*, Médico da 22.ª Secção.**EXPLORAÇÃO***Diamantino Pinheiro*, Chefe de 3.ª classe.*Martinho de Jesus*, Capataz Principal.*António Alves Ferreira da Rocha*, Capataz de 2.ª classe.*José Carvalho Júnior*, Agulheiro de 3.ª classe.*José Rodrigues dos Santos*, Guarda.**MATERIAL E TRACÇÃO***Guilherme Marques*, Maquinista de 1.ª classe.**VIA E OBRAS***Alexandre Graça*, Chefe de distrito.*José Cabaço*, Sub-chefe de distrito.*Manuel Carvalho*, Sub-chefe de distrito.*Luíza Assunção*, Guarda de distrito.**Falecimentos**

Mês de Fevereiro

EXPLORAÇÃO† *António Maia*, Carregador em Campanhã.

Admitido como carregador eventual em 13

de Julho de 1919, foi nomeado carregador em 1 de Julho de 1927.

† *António Maria Ramos*, Guarda em Lisboa-P.

Admitido como carregador em 21 de Fevereiro de 1895, passou a guarda em 1 de Abril de 1918.

MATERIAL E TRACÇÃO† *José Martins*, Fogueiro de 2.ª classe no Depósito de Lisboa-P.

Admitido como ajudante de montador em 4 de Dezembro de 1922. Foi nomeado fogueiro de 2.ª classe em 1 de Outubro de 1924.

† *José Alves*, Fogueiro de locomóvel no Depósito de Campolide.

Admitido como servente em 2 de Abril de 1904. Em 26 de Outubro de 1907 foi nomeado servente da luz eléctrica e em 1 de Março de 1919 foi nomeado fogueiro de locomóvel.

VIA E OBRAS† *Maria Piedade*, Guarda no distrito n.º 78.

Admitida como guarda de passagem de nível em 21 de Abril de 1919.

† *Ana Marques Valente*, Guarda no distrito n.º 74.

Admitida como guarda em 26 de Maio de 1890.



† José Martins
Fogueiro de 2.ª classe



† José Alves
Fogueiro de locomóvel



† António Maia
Carregador



† António Maria Ramos
Guarda

12 — 3-Nem sempre o que graceja tem um semblante
alegre — 2.

Aleion

13 — 3-Vi o sertanejo esconder-se na brenha — 2.

Roldão

14 — 3-Comprei um bico de candieiro, para usar com
ólio de «peixe» — 2.

Mefistófeles

15 — 3-Fiquei apetetado quando encontrei este
«pássaro das cercanias do Pôrto» — 2.

Labina

Aumentativas

16 — Provoca vómitos o travo do vinho verde — 2.

Tupin

17 — Dentro dêste barco de pesca estava escrito o
nome de várias aves falconídeas diurnas — 4.

Terco

(Ao confrade Veste-se)

18 — Gosto da sua aparência; é muito janota! — 2.

Labina

19 — Logogrifo

(A Pinto)

É um brinquedo ideal — 3-7-1-9-3

Este pifaro da Madeira — 6-9-4-7-11

Mas exala o mau cheiro — 8-2-10-7-5

Duma árvore brasileira.

Galen

20 — Em quadrado

Extremoso	•	•	•	•
De cobre	•	•	•	•
Quadrúpede	•	•	•	•
Cheiro agradável	•	•	•	•

Terco

21 — Combinada

- 1.º + fa — Fome
2.º + la — Mentira
3.º + bo — Farroupilha
— Mau humor —

Britabrantes

22 — Enigma tipográfico

S

SU 7 L

Galen

Charadas em frase

23 — Não folgue porque anda de lu' o! esqueça a
brincadeira! — 2-1.

Roldão

24 — O João profere nesciamente palavras de azedume
para o «instrumento» depois de beber água-pé — 2-1.

Visconde de Cambolh

Tabela de preços dos Armazens de Viveres, durante o mês de Abril de 1935

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Bremen. kg.	2\$80	Carvão-Gaia e Camp. kg.	55	Ovos..... duzia	variável
» Nacional.... 2\$70 e	2\$75	Cebolas kg.	60	Petróleo-Li.º-Barreiro e Évora. lit.	50
» Valenciano.... kg.	2\$80	Chouriço de carne.... »	13\$00	Petróleo-Resantes Armazens.. lit.	55
» Siao	3\$20	Far.º de milho amarelo. »	1\$50	Presunto..... 10\$00 e	11,500
» Carolino.... ..	3\$10	» » » branco.... »	1\$35	Queijo da Serra..... »	14,50
Assucar de 1.º Hornung kg.	4\$40	» » trigo.... »	2\$25	» flam.º Estrangeiro .. kg.	24,50
» » 1.º manual . ..	4\$20	Farinheiras..... »	8\$50	» » em Campanh. »	26,50
» » 2.º Hornung »	4\$15	Feijão amarelo..... lit.	2\$10	Sabão amêndoа	1,520
» » 2.º manual . »	3\$95	» branco..... »	2\$00	» Offenbach	2,440
» pilé »	4\$20	» frade 1\$90 e	1\$40	Sal..... lit.	16
Azeite de 1.º lit. 7\$00	7\$10	» manteiga lit.	2\$20	Sêmea..... kg.	80
» » 2.º » 6\$70	6\$80	Grão de 1.º	2\$75	Toucinho	6,50
Bacalhau sueco 4\$65, 4\$90 e	5\$10	» » 2.º	1\$70	Vinagre	75
» inglês.... 4\$50 e	7\$10	Lenha..... kg.	520	Vinho branco	65
Banha..... kg.	7\$00	Manteiga..... »	17\$50	Vinho tinto-Em Gaia..... »	1,500
Batatas..... »	variável	Massas..... »	3\$60	Vinho tinto-Em Campanh. »	70
Carvão de sôbro kg. 550 e	545	Milho..... lit.	595	Vinho tinto-Resant. Arm. »	65

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazém do Barreiro são acrescidos do impôsto camarário.

Alem dos gêneros acima citados, os Armazens de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres e mais, tecidos de algodão, atoalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O Boletim da C. P. tem normalmente 16 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números dêste Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12\$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um Fundo destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção (Boletim da C. P.).